

Realização de interação mediada por telefone com idosos após a alta hospitalar: experiência de um programa de residência multiprofissional

Interaction of conduct mediated phone with elderly after hospital discharge: a multiprofessional program experience

Nelson Machado do Carmo Júnior¹, Josiane Moreira da Costa², Matheus Araújo Assis Viudes^{3*}, Rachel Cristina Cardoso Pereira⁴, Ingrid Silva Bremer de Toledo⁵, Carla Jorge Machado⁶, Adriano Max Moreira Reis⁷

¹Farmacêutico. Especialista em Saúde do Idoso; ²Mestre em Saúde e Enfermagem; ³Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF; ⁴Especialista em Saúde do Idoso; ⁵Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; ⁶Doutora em Dinâmica de População; ⁷Doutor em Ciências

Resumo

Introdução: a transição do cuidado, principalmente no momento da alta hospitalar, é considerada um momento crítico e de muita ansiedade para o paciente. Destacam-se os problemas relacionados ao uso de medicamentos, principalmente quando ocorrem mudanças nas prescrições de fármacos no momento da alta, quando comparado aos medicamentos prescritos na pré-internação. A continuidade do uso de novos medicamentos após a alta pode gerar comprometimentos, principalmente quando nos referimos aos pacientes idosos, que apresentam especificidades fisiológicas e cognitivas que influenciam o uso dos medicamentos. Com o intuito de melhor identificar possíveis barreiras e propiciar segurança durante a continuidade do cuidado, um grupo composto por farmacêuticos propôs a realização de Interação Mediada por Telefone (IMT) com pacientes idosos que receberam alta hospitalar e que encontravam-se no ambiente domiciliar. **Objetivo:** identificar as ações realizadas e resultados alcançados por meio da IMT. **Metodologia:** realizou-se um estudo transversal de caráter exploratório, onde os registros em prontuários eletrônicos e planilha do serviço de IMT foram analisados, com descrição do perfil dos pacientes e realização de regressão logística a partir das características dos pacientes e equipe de referência a qual pertenciam na internação (Acidente Vascular Cerebral; Equipe Idoso Frágil; Cuidados Paliativos; Equipe de oferecimento de cuidados aos pacientes com Comprometimento do Pé Diabético e Equipe de Atendimento a Pacientes com Fratura de Fêmur). **Resultados:** 87 pacientes idosos participaram do IMT sendo 44 (50,6%) do sexo feminino e 43 (49,4%) do sexo masculino. A média da idade dos pacientes foi de 73,7 anos, com desvio padrão de 8,3. Um percentual de 52,9% dos pacientes relataram procurar atendimento na Atenção Primária após a alta hospitalar, 20% relataram dificuldade no acesso, 13% relataram uso de medicamentos diferentes dos prescritos na alta, conforme orientação médica na Atenção Primária, e 13% automedicação. No modelo final da regressão logística, identificou-se que idade igual ou superior a 75 anos foi associada positivamente ao pertencimento do paciente na equipe Idoso Frágil/Cuidados Paliativos. Ainda no modelo final, a ocorrência de automedicação também esteve positivamente associada à equipe Idoso Frágil (OR=6,8; p<0,05). **Conclusão:** entende-se que o serviço de IMT apresentou-se como interessante ferramenta para identificação de problemas farmacoterapêuticos após a alta hospitalar. Automedicação após a alta hospitalar esteve associada positivamente aos pacientes das equipes cuidados paliativos/idoso frágil quando comparado à Unidade AVC e idade inferior a 75 anos esteve positivamente associada à Equipe complicações do pé diabético. **Palavras chave:** Idoso. Uso de medicamentos. Alta do paciente. Atenção primária à saúde.

Abstract

Introduction: the transition from hospital to home care is considered a critical moment and brings a lot of anxiety for the patient, especially due to changes in the pharmacotherapy. **Aim:** to identify the actions taken and results achieved through Phone-Mediated Interaction (PMI). **Methodology:** an exploratory cross-sectional study was carried out, where the data in the electronic records and PMI service worksheet were analyzed, with a description of the patients' profile and logistic regression based on the characteristics of the patients and the reference team (Cerebral Vascular Accident, Fragile Elderly Person, Palliative Care, Team to offer care to patients with Diabetic Foot Impairment, Team of Patients with Fracture of the Femur). **Results:** a total of 87 elderly participated in the PMI, 44 (50.6%) were female and 43 (49.4%) were male. The mean age of the patients was 73.7 years, with a standard deviation of 8.3. A percentage of 52.9% of the patients reported seeking care in Primary Care after hospital discharge, 20% reported difficulty accessing, 13% reported using medications other than those prescribed at discharge, according to medical guidance in Primary Care, and 13% self-medication. In the final logistic regression model, it was identified that age equal to or greater than 75 years was positively associated with the patient's membership in the Fragile Elderly/Palliative Care team. In the final model, the occurrence of self-medication was also positively associated with the Fragile Aged (OR = 6.8, p < 0.05). **Conclusion:** it is understood that the PMI service was an interesting tool for identifying pharmacotherapeutic problems after hospital discharge. Self-medication after hospital discharge was positively associated with patients in the palliative care / fragile elderly when compared to the Cerebral Vascular Accident Unit and age below 75 years was positively associated with Team for diabetic foot complications. **Key words:** Aged. Drug utilization. Patient discharge. Primary health care.

Correspondente /Corresponding: *Matheus de Araújo Assis Viudes – End: Rua Padre Café, 616, bairro São Mateus. Juiz de Fora, Minas Gerais – Tel: (32) 99943-4060 – E-mail: matheusdearaujo@gmail.com

INTRODUÇÃO

O momento da alta hospitalar pode ser considerado um período complicado, crítico e de muita ansiedade para o paciente, pois envolve muitas informações, principalmente no que tange à farmacoterapia (MORSE; MORSE; TYLKO, 1989; PAQUIN; SALOW; RUDOLPH, 2015). A internação acarreta em alterações significativas na terapia medicamentosa dos pacientes devido à substituição ou suspensão dos medicamentos usados no domicílio, ou a prescrição de novas drogas (MARQUES et al., 2011). Ressalta-se que, nesse momento, podem ser prescritos medicamentos diferentes dos utilizados pelos pacientes no período da pré-internação, o que requer conhecimentos específicos sobre o acesso e uso correto dos mesmos (CHINTHAMMIT; ARMSTRONG; WARHOLAK, 2012; DA COSTA, 2012).

Situações como essas envolvem diretamente a segurança do paciente na transição do cuidado, pois modificações realizadas durante a alta, aliadas à falta de informação e preparo do indivíduo, acabam originando no domicílio uma série de problemas relacionados ao uso de medicamentos, como o conhecimento insuficiente sobre seus problemas de saúde e suas respectivas terapias, complexidade do regime farmacoterapêutico, e o risco de eventos adversos (ANDERSON et al., 2013; MARQUES et al., 2011; MORSE; MORSE; TYLKO, 1989). Além disso, deve-se levar em consideração a importância da compreensão do esquema posológico pelo paciente antes de deixar o hospital (CHINTHAMMIT; ARMSTRONG; WARHOLAK, 2012).

Estudos demonstram que um considerável número de pacientes sai do hospital com baixo nível de conhecimento sobre a farmacoterapia, pois recebem alta com informação inadequada ou insuficiente sobre seus medicamentos, ou mesmo não recebem qualquer orientação sobre seu tratamento (MARQUES et al., 2011). Essa vulnerabilidade tem uma relevância ainda mais significativa quando quem está no centro do processo de transição do cuidado são os pacientes idosos, pois esses possuem várias especificidades fisiológicas (OLIVEIRA et al., 2011), que podem interferir na farmacocinética e farmacodinâmica dos medicamentos (KUSUMOTA; OLIVEIRA; MARQUES, 2009), além de, em muitas situações, apresentarem limitações cognitivas e funcionais (KIM et al., 2014; PARK, 2015; PERRACINI; RAMOS, 2002).

Com o intuito de identificar fragilidades nos cuidados medicamentosos na alta hospitalar, farmacêuticos vinculados a um programa multiprofissional em saúde do idoso em um hospital de ensino, propuseram a implantação do serviço de Interação Mediada por Telefone (IMT) após a alta hospitalar.

O presente artigo possui o objetivo de identificar as ações realizadas e resultados alcançados por meio da IMT.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, de caráter exploratório, desenvolvido em um hospital público de ensino, referência para a rede de atenção a urgência e emergência, inserido no Sistema Único de Saúde (SUS) em um município de grande porte, em Minas Gerais. Atualmente, esse hospital é composto por cerca de 320 leitos. A estrutura organizacional do hospital permite que o oferecimento de cuidados aos idosos seja organizado sob uma percepção dos principais problemas de saúde desse perfil de pacientes, e organizado por meio de equipes multiprofissionais, sendo elas: Acidente Vascular Cerebral (AVC); Equipe Idoso Frágil (aborda pacientes com algum tipo de comprometimento da autonomia, e que apresentam agudização do quadro crônico de saúde); Cuidados Paliativos; Equipe de oferecimento de cuidados aos pacientes com comprometimento do Pé Diabético e Equipe de Atendimento a Pacientes com Fratura de Fêmur.

Nem todos os idosos internados na instituição são atendidos pelas equipes multiprofissionais, sendo encaminhados aqueles pacientes cujas características clínicas coincidam com algum dos perfis das equipes. Os acompanhamentos são realizados pelos profissionais da instituição e residentes inseridos em programas multiprofissionais com enfoque em gerontologia. As categorias profissionais envolvidas nos programas de residência são: enfermagem, farmácia, fisioterapia, fonoaudiologia, nutrição e terapia ocupacional. Os farmacêuticos oferecem o serviço de farmácia clínica, seguido de realização da IMT após a alta hospitalar.

Para implantação da IMT, inicialmente optou-se por inserir nesse serviço todos os pacientes idosos que foram acompanhados no serviço de Farmácia Clínica da instituição e que receberam alta hospitalar. A intervenção compreendeu realização de contato telefônico com os pacientes atendidos pelo serviço de Farmácia Clínica da instituição dentro de um período mínimo de 15 dias após a alta hospitalar. Para isso, identificaram-se registros do número dos telefones dos pacientes em prontuário eletrônico. Em caso de impossibilidade de contato com o paciente, padronizou-se a realização mínima e máxima de três e cinco tentativas de abordagem, respectivamente. Cada tentativa ocorreu em dias diferentes para cada paciente.

Para padronização da abordagem a ser realizada elaborou-se um protocolo com as variáveis a serem coletadas (Figura 1), considerando-se relatos de idosos em relação às barreiras relacionadas ao acesso a medicamentos após a alta hospitalar (COSTA, 2012). As informações encontradas no estudo de Costa (2012) foram adaptadas com o intuito de serem discutidas por meio do contato telefônico, e com o objetivo de identificar experiências dos pacientes em relação ao uso de medicamentos após a alta hospitalar.

Figura 1 – Protocolo de abordagem no Serviço IMT

Protocolo de abordagem na Interação Mediada por Telefone (IMT)

Contato telefônico realizado com Paciente Cuidador

Sexo do paciente: M F

Idade: _____ Equipe de referência no acompanhamento durante a internação: _____

Número de residentes no domicílio: _____

Paciente possui cuidador? Sim Não Se sim, grau de parentesco: _____

Necessita de ajuda de familiares para uso dos medicamentos? Sim Não

Paciente relata fazer uso de medicamentos de forma regular? Sim Não

Paciente utiliza sonda de nutrição enteral? Sim Não

Entrevistado relata dificuldade em relação a administração de medicamentos por sonda? Sim Não

Paciente ou cuidador sabem da importância de utilizar os outros medicamentos corretamente? Sim Não

Paciente ou cuidador saiu do hospital sabendo onde adquirir os medicamentos? Sim Não

Paciente ou cuidador relatam saber para que os medicamentos servem? Sim Não

Relata dificuldade de acesso aos medicamentos? Sim Não

Relato de automedicação? Sim Não

Relato de uso, por indicação médica da Atenção Primária, de medicamentos diferentes dos prescritos na alta? Sim Não

Data: _____ Farmacêutico responsável: _____

Fonte: Costa (2012)

No presente estudo, foram inseridos pacientes com idade igual ou superior a 60 anos, acompanhados pelo serviço de farmácia clínica e inseridos na IMT no período de dezembro de 2013 a janeiro de 2015. Pacientes que não possuíam especificação em prontuário da equipe de referência foram excluídos do estudo.

Preferencialmente, a abordagem foi realizada com o paciente, e em caso de impossibilidades, foi direcionada ao cuidador ou familiar responsável pela administração dos medicamentos em domicílio. As informações utilizadas no estudo foram sexo; idade; número de residentes no domicílio; tempo de internação (dias); relato de necessidade de ajuda de terceiros para utilizar os medicamentos; relato de realização de consulta na Atenção Primária após a alta hospitalar; relato de uso de sonda enteral; relato de saber a importância de utilizar os medicamentos; relato de saber onde adquirir os medicamentos; relato de saber para que servem os medicamentos; relato sobre dificuldade de acesso aos

medicamentos; relato de automedicação; relato de uso, por indicação médica da Atenção Primária, de medicamentos diferentes dos prescritos na alta hospitalar.

Realizou-se consulta em prontuários por meio do sistema eletrônico informatizado para identificação do perfil dos pacientes. Para isso, utilizou-se as variáveis sexo, idade e equipe multiprofissional na qual se deu o gerenciamento do cuidado clínico.

Também foram empregados os registros da IMT, executados em uma planilha do programa Microsoft Excel®. Posteriormente, realizou-se análise estatística descritiva das variáveis, que compreendeu a obtenção das frequências absolutas e relativas para variáveis categóricas, medidas de tendência central e de dispersão para variáveis quantitativas intervalares, além de mínimo e máximo de cada uma destas variáveis. Foi utilizado teste exato de Fisher para comparação das proporções de uma das categorias das variáveis por equipes. Em seguida, foi realizada uma análise logística multinomial (categoria de referência: AVC) com todas as variáveis que na comparação de proporções apresentaram nível de significância inferior a 20% ($p < 0,2$). Em seguida, efetuou-se deleção sequencial de acordo com nível de significância obtido pelo teste de Wald (retirando passo a passo aquelas variáveis com significância maior). Foram mantidas no modelo final, e calculados os *Odds Ratios*, das variáveis que apresentaram valor de p inferior a 5% ($p < 0,05$). Foram apresentado ainda intervalos de 95% de confiança. O software utilizado foi o Stata/SE for Mac, versão 12.0. Para propósito de análises, as equipes Idoso Frágil e Cuidados Paliativos foram condensadas devido ao pequeno número de pacientes acompanhados e similaridade do perfil dos indivíduos atendidos.

O presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição onde o estudo foi realizado, e recebeu o parecer número 1.057.180

RESULTADOS

Do total de pacientes que receberam alta hospitalar e que foram acompanhados no serviço de Farmácia Clínica no período analisado, 89 participaram do IMT. Um total de 87 pacientes foram incluídos no estudo, sendo 44 (50,6%) do sexo feminino e 43 (49,4%) do sexo masculino. Dois pacientes foram excluídos por não possuírem especificação da equipe de referencia na qual foram atendidos. A média da idade dos pacientes foi de 73,7 anos com desvio padrão de 8,3. A tabela 1 apresenta o perfil dos pacientes inseridos no estudo.

Tabela 1 – Perfil dos pacientes acompanhados no serviço de IMT.

Variáveis	Categorias e estatísticas	N = 87 (100,0%)
Sexo	Feminino	44 (50,6)
	Masculino	43 (49,4)
Idade em anos (intervalar)	Média (Desvio Padrão)	73,7 (8,3)
	Mediana (Intervalo Interquartilico)	73 (8)
	Mínimo; Máximo	60; 100
Idade (categórica)	< 75 anos	52 (61,3)
	75 ou mais	35 (38,7)
Número de residentes na moradia (intervalar)	Média (Desvio Padrão)	3,4 (1,8)
	Mediana (Intervalo Interquartilico)	3 (2)
	Mínimo; Máximo	1; 10
Número de residentes (categórica)	< 4	51 (58,6)
	4 ou mais	36 (41,4)
Tempo de internação em dias (intervalar)	Média (Desvio Padrão)	19,9 (19,6)
	Mediana (Intervalo Interquartilico)	15 (13)
	Mínimo; Máximo	2; 139
Tempo de internação	< 16 dias	51(58,6)
	16 ou mais	36(41,4)
Uso de medicamentos	Com ajuda	72(84,7)
	Sem ajuda	13(15,3)
	Sem registro	2 (2,3)
Consulta na atenção primária	Não	41(47,1)
	Sim	46(52,9)
Uso de sonda	Não	80(95,2)
	Sim	4(4,8)
	Sem registro	3 (3,4)
Sabe da importância de usar medicamentos	Não	2(2,3)
	Sim	85(97,7)
Sabe onde adquirir medicamentos	Não	13(15,3)
	Sim	72(84,7)
	Sem registro	2(2,3)
Sabe para que servem medicamentos	Não	10(11,8)
	Sim	75(88,2)
	Sem registro	2(2,3)
Dificuldade de acesso	Não	65(76,5)
	Sim	20(23,5)
Auto medicação	Não	74(85,1)
	Sim	13(14,9)
Medicamento diferente do prescrito na alta	Não	53(80,3)
	Sim	13(19,7)
	Sem registro	1 (1,1)
Equipes	AVC	31(35,6)
	Idoso Frágil	11(12,7)
	Paliativos	6(6,9)
	Vascular	28(32,2)
	Volante	11(12,6)

Fonte; dados da pesquisa

Ao analisar as características conforme equipe, identificou-se que idade e uso de sonda foram características

que apresentaram diferença estatisticamente significativa tendo como referência a equipe AVC (tabela 2).

Tabela 2 – Caracterização dos pacientes por equipe e análise das variáveis conforme regressão logística (AVC: equipe referência)

	Categorias	Unidade de AVC (N=31; 100,0%)	Idoso Frágil/Cuidados Paliativos (N=17; 100,0%)	Comprometimento do Pé Diabético (N=28; 100,0%)	Volante (N=11; 100,0%)	Valor de p
Sexo	Feminino	13(41,9)	11(64,7)	10 (35,7)	10(90,9)	0,006
	Masculino	18(58,1)	6 (35,3)	18 (64,3)	1 (9,1)	
Idade	< 75 anos	19(61,3)	5(29,4)	24(85,7)	4(36,4)	0,001
	75 ou mais	12(38,7)	12(70,6)	4(14,3)	7(63,6)	
Número de residentes na moradia	< 4	17(54,8)	10(58,8)	16(57,1)	8(72,7)	0,820
	4 ou mais	14(45,2)	7(41,2)	12(42,9)	3(27,3)	
Tempo de internação	< 16 dias	17(54,8)	13(54,8)	11(39,3)	7(63,6)	0,103
	16 ou mais	14(45,2)	4(45,2)	17(60,7)	4(36,4)	
Uso de medicamentos	Com ajuda	27(87,1)	14(87,5)	21(77,8)	10(90,9)	0,776
	Sem ajuda	4(12,9)	2(12,5)	6(22,2)	1(9,1)	
Consulta na atenção primária	Não	16(51,6)	5(29,4)	14(50,0)	6(54,6)	0,436
	Sim	15(48,4)	14(70,6)	14(50,0)	5(45,5)	
Uso de sonda	Não	29(100,0)	13(76,5)	27(100,0)	11(100,0)	0,001
	Sim	0(0,0)	4(23,5)	0 (0,0)	0 (0,0)	
Sabe da importância de usar medicamentos	Não	0(0,0)	1(5,9)	1(3,6)	0(0,0)	0,627
	Sim	31(100,0)	16(94,1)	27(96,4)	11(100,0)	
Sabe onde adquirir medicamentos	Não	3(9,7)	5(29,4)	2(7,4)	3(30,0)	0,085
	Sim	28(90,3)	12(70,6)	25(92,6)	7(70,0)	
Sabe para que servem medicamentos	Não	3(9,7)	2(12,5)	4(14,8)	1(9,1)	0,961
	Sim	28(90,3)	14(87,5)	23(85,2)	10(90,9)	
Dificuldade de acesso	Não	25(80,7)	10(62,5)	24(85,7)	6(60,0)	0,176
	Sim	6(19,3)	6(37,5)	4(14,3)	20(40,0)	
Auto medicação	Não	28(90,3)	11(64,7)	25(89,3)	10(90,9)	0,111
	Sim	3(9,7)	6(35,3)	3(10,7)	1(10,7)	
Medicamento diferente do prescrito na alta	Não	17(70,8)	7(87,5)	22(84,6)	7(87,5)	0,692
	Sim	7(29,2)	1(12,5)	4(15,4)	1(12,5)	

AVC Acidente Vascular Cerebral

Fonte: Dados da pesquisa

No modelo final foram mantidas as variáveis idade e automedicação, conforme apresentado na tabela 3.

Tabela 3 – Apresentação do modelo final da regressão logística

	Unidade de AVC	Idoso Frágil/Cuidados Paliativos	Pé Diabético	Volante
Idade				
< 75 anos	1,0	1,0	1,0	1,0
75 ou mais	---	4,8(1,2;19) p=0,026	0,3(0,1;0,95) p=0,042	2,8(0,7;12) p=0,161
Auto-medicação				
Não	1,0	1,0	1,0	1,0
Sim	---	6,8(1,3;36) p=0,026	0,95(0,2;5,3) p=0,957	1,1(0,1;13) p=0,922

Fonte: Dados da pesquisa

DISCUSSÃO

Os maiores números de pacientes abordados estavam vinculados às equipes da Unidade de AVC e da Equipe com Comprometimento do Pé Diabético, seguido dos pacientes das equipes Volante, Idoso Frágil e Cuidados Paliativos. Isso pode estar relacionado à prevalência dos pacientes atendidos pela Farmácia Clínica durante a in-

ternação hospitalar. Ressalta-se que o menor número de pacientes contatados em cuidados paliativos, pode estar associado à menor perspectiva de alta dos pacientes com esse perfil, e consequente ausência de aplicabilidade da IMT com esses pacientes.

As doenças cerebrovasculares incidem com maior frequência em pacientes com idade mais avançada, sendo

o AVC um dos problemas neurológicos mais prevalentes entre os idosos, apresentando como principais comorbidades hipertensão arterial sistêmica, diabetes mellitus, cardiopatias e dislipidemias (BUSHNELL et al., 2014; PIRES; GAGLIARDI; GORZONI, 2004). Esse perfil de indivíduos pode ter maior demanda de orientação antes, durante e após a alta hospitalar, pois, em período após o evento cerebrovascular, o idoso pode apresentar comprometimento funcional associado a algum grau de dependência e perda da autonomia (BUSHNELL et al., 2014).

Pacientes com comprometimento do pé diabético compuseram o segundo grupo de pessoas com maior prevalência. Entende-se que indivíduos com esse perfil requerem abordagens educacionais e acompanhamento farmacoterapêutico não apenas durante a internação, mas também após a alta hospitalar, dada as complicações inerentes à sua doença de base (POLICARPO et al., 2014).

Em relação às informações obtidas durante a realização da IMT, a maioria dos idosos abordados relatou necessidade do auxílio dos familiares para uso dos medicamentos. Muitos são os estudos que avaliaram a capacidade funcional de idosos em domicílio, e diversos desses relatam dependência funcional de grau leve a moderado (MLINAC; FENG, 2016). Essa não é uma informação menos importante no processo de transição do cuidado da rede hospitalar ao domicílio, pelo contrário, pois, em comparação a outros estudos, percebeu-se que aqueles que exerciam qualquer atividade profissional antes do AVC, por exemplo, não mais tiveram condições de desempenhá-las (PERLINI; FARO, 2005). Nesse sentido, é importante destacar que a orientação sobre o uso de medicamentos nesse perfil de pacientes deve ter enfoque não somente no sujeito, mas também no cuidador e/ou familiar. A independência para as atividades da vida diária, sejam elas básicas ou instrumentais é parte importante da adesão à farmacoterapia, principalmente, pela preservação das funções cognitivas e dos ganhos funcionais nos idosos.

A maioria dos entrevistados (72%) relatou uso de medicamentos com a ajuda dos familiares, percentual maior do que encontrado no estudo de SANTOS (2013), que demonstrou que 46,8% dos idosos avaliados no estudo não conseguem tomar seus medicamentos nas doses e horários corretos, e, 28,2% necessitam de ajuda parcial para a realização dessa atividade. Outro estudo desenvolvido em uma instituição de longa permanência (ILP) na região de Porto Alegre (RS) identificou que 45,2% dos idosos necessitavam de auxílio parcial para o uso dos medicamentos (AIRES; PAZ; PEROSA, 2009).

Ao associar que o número de medicamentos utilizados após a internação tende a ser ainda maior quando comparado ao período anterior a esse processo, somado à necessidade de ajuda de familiares e cuidadores para utilizá-los, entende-se que a transição de cuidados hospitalares para domiciliares deve ser realizada com cautela. Além disso, ressalta-se a importância do oferecimento de

cuidados na Atenção Primária à Saúde (APS) para que a continuidade no entendimento dos familiares e a administração correta dos medicamentos sejam asseguradas.

Na análise acerca dos relatos de conhecimento sobre a importância do uso de medicamentos, em relação a onde adquiri-los e para que servem, a maioria dos entrevistados responderam de forma positiva. Nesses casos, identificou-se que esses resultados podem estar relacionados às orientações sobre os medicamentos a serem utilizados durante e após as altas hospitalares, o que pode contribuir para melhor entendimento sobre a farmacoterapia. Entretanto, ações que viabilizem o entendimento sobre o uso de medicamentos para o percentual de pacientes que responderam negativamente à essas questões devem ser implementadas. Grande parte dos estudos aponta que a elevada faixa etária, os fatores fisiológicos e biológicos relacionados ao envelhecimento e a polifarmácia influenciam diretamente no consumo e utilização correta dos medicamentos, além de fatores sociais (ARRAIS; BARRETO; COELHO, 2007; KANN; LUNDQVIST; LURÅS, 2014; SPIERS; KUTZIK; LAMAR, 2004; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2003), o que reforça a necessidade de implementação de estratégias que previnam danos relacionados ao uso de medicamentos por idosos.

A dificuldade no acesso aos medicamentos foi relatada por aproximadamente 22% dos pacientes abordados, sendo que outro estudo demonstrara 31,3% dos pacientes não conseguiram obter todos os seus medicamentos prescritos (BALDONI et al., 2014). Tal fato merece posição de alarme, pois, um em cada cinco indivíduos não possui acesso à sua farmacoterapia completa, apesar dos esforços e programas de Saúde Pública que endossem o acesso a medicamentos para toda a população brasileira. De tal forma, é necessário que sejam estudadas maneiras de assegurar que o paciente obtenha acesso regular e contínuo aos seus medicamentos, haja vista que um cenário contrário à este contribui negativamente para o sucesso terapêutico, além de reduzir o êxito no controle, prevenção de agravos e tratamento de suas comorbidades.

Mesmo identificando-se um menor percentual de pacientes com problemas de acesso, entende-se que aqueles que os apresentam possam ter comprometimento na efetividade da farmacoterapia, e maiores agravos nos problemas de saúde. Isso pode desencadear em maiores buscas pelos serviços de saúde e reinternações hospitalares. Desse modo, compreende-se como de fundamental importância a realização de ações que previnam problemas de acesso em relação ao uso de medicamentos. Ademais, quanto ao uso dos medicamentos diferentes do prescrito na alta, apenas 13,85% dos pacientes abordados no IMT relataram uso de medicamentos diferentes dos prescritos na alta hospitalar.

No modelo final da regressão logística, identificou-se que idade igual ou superior a 75 anos foi associada positivamente ao pertencimento do paciente na equipe Idoso Frágil/Cuidados Paliativos. A chance de estar nessas equipes comparado com estar na equipe AVC, para idosos com

idade 75 anos ou mais, foi quase 5 vezes a chance daqueles com menos de 75 anos (OR=4,8; $p<0,05$). Apesar dos pacientes inseridos no estudo pertencerem à um serviço específico oferecido na instituição e o subgrupo em estudo não representar todos os indivíduos idosos atendidos na instituição, esse achado estatístico é compreensível.

Ainda, no modelo final, a ocorrência de automedicação também esteve positivamente associada à equipe Idoso Frágil (OR=6,8; $p<0,05$). Pode-se atribuir esse resultado ao fato de que pacientes em cuidados paliativos e/ou idosos frágeis possam vivenciar frequentemente situações de dor (TOFTHAGEN et al., 2019), o que favorece o cenário de automedicação. Além disso, o cuidado com ênfase em conforto, bem estar e amenização de dores e sofrimentos físicos, comum nesse perfil de pacientes, associa-se ao esforço dos familiares no sentido de uso de medicamentos que aliviem sintomas como constipação, insônia e xerostomia, comuns na transição do cuidado (ALVES; COSTA; MALTA, 2017) e que podem levar a um maior uso de medicamentos por conta própria.

Outra questão associada à associação entre automedicação e ter sido atendido pelas equipes Cuidados Paliativos/Idoso Frágil é que a obtenção de alta hospitalar sem um diagnóstico de “cura” possa levar à uma insatisfação dos pacientes e familiares em relação aos cuidados recebidos, com consequência busca de alternativas próprias para alívio dos sintomas. Essa informação pode contribuir para a realização, por parte dos profissionais de saúde, de ações que previnam a ocorrência de interações medicamentosas e efeitos indesejáveis provenientes do uso de medicamentos em pacientes com perfil de idoso frágil ou em cuidados paliativos. Como exemplo, tem-se a possibilidade de oferecimento de orientações sobre riscos de automedicação ainda durante a internação, assim como sinalização à equipe da Atenção Primária sobre possibilidade de ocorrência dessa atitude pelos pacientes. Relatos de automedicação também podem ser utilizados como sinalizadores da inefetividade da farmacoterapia prescrita na alta hospitalar e busca de outras alternativas pelos pacientes e familiares. Isso indicaria necessidade de ajustes e monitoramento da farmacoterapia prescrita. Entretanto, a automedicação é impulsionada por uma variedade de determinantes e requer intervenções multifacetadas (LESCURE et al., 2018).

Já no caso do pé diabético, estar nessa equipe e idade inferior a 75 anos estiveram negativamente associados: a chance de estar em equipe de pé diabético foi 70% menor para idosos com 75 anos ou mais comparados àqueles com menos de 75 anos (OR=0,3; $p<0,05$). Isso pode estar associado ao fato de que a maioria dos pacientes encaminhados para essa equipe possuem indicação de amputação, sendo esse procedimento muito comum em pacientes abaixo de 70 anos e com controle inadequado do diabetes (ALONSO-MORÁN et al., 2014). Conhecer o perfil dos pacientes contatados pode contribuir para aprimoramento do processo de comunicação aos idosos

acima de 75 anos.

Estudos demonstraram que o serviço de contato telefônico realizado por farmacêuticos após a alta foi eficaz na abordagem dos problemas com medicamentos em idosos vulneráveis e com algum comprometimento cognitivo, de modo a trazer impacto positivo na melhoria do acompanhamento farmacoterapêutico (ANDERSON et al., 2013; CHINTHAMMIT; ARMSTRONG; WARHOLAK, 2012; DA COSTA, 2012; MARQUES et al., 2011; MORSE; MORSE; TYLKO, 1989; PAQUIN; SALOW; RUDOLPH, 2015). O presente estudo, assim como os supracitados, sinaliza para a necessidade de passos importantes na promoção da saúde dos pacientes inseridos no estudo, ao identificar a existência de fragilidades em relação ao uso de medicamentos após a alta hospitalar e referenciar os pacientes na Atenção Primária para solução dos problemas.

Por fim cabe pontuar que o presente estudo possui a limitação de que as informações adquiridas na IMT são provenientes de relatos de familiares e pacientes, sendo que os pesquisadores não puderam verificá-las pessoalmente.

CONCLUSÃO

Entende-se que o serviço de IMT apresenta-se como interessante ferramenta para identificação de problemas farmacoterapêuticos após a alta hospitalar, bem como pode contribuir para a garantia da continuidade do cuidado no âmbito da Atenção Primária em Saúde. Automedicação após a alta hospitalar esteve associada positivamente aos pacientes das Equipes de Cuidados Paliativos/Idoso Frágil quando comparado à Unidade AVC. Idade inferior à 75 anos esteve positivamente associada à Equipe de complicações do pé diabético.

REFERÊNCIAS

- ALONSO-MORÁN, E. et al. The prevalence of diabetes-related complications and multimorbidity in the population with type 2 diabetes mellitus in the Basque Country. *BMC public health*, London, v.14, n.1059, 2014.
- ALVES, C.P.B; COSTA, J.M.; MALTA, J.S. Identificação de prescrição de medicamentos que podem ocasionar constipação, Delirium e Xerostomia na alta hospitalar de idosos. *HU Revista*, Juiz de Fora, v. 43, n. 1, p. 25-31, jan./jun. 2017.
- AIRES, M.; PAZ, A. A.; PEROSA, C. T. Situação de saúde e grau de dependência de pessoas idosas institucionalizadas. *Rev. gaúch. enferm.*, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 492-499, set. 2009.
- ANDERSON, S. L. et al. Implementation of a clinical pharmacy specialist-managed telephonic hospital discharge follow-up program in a patient-centered medical home. *Health Manag.*, United States, v. 16, n. 4, p. 235-241, Ago. 2013.
- ARRAIS, P. S. D.; BARRETO, M. L.; COELHO, H. L. L. Aspectos dos processos de prescrição e dispensação de medicamentos na percepção do paciente: estudo de base populacional em Fortaleza, Ceará, Brasil. *Cad. saúde pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 927-937, abr. 2007.
- BALDONI, A. et al. Dificuldade de acesso aos serviços farmacêuticos pelos idosos. *RBCF, Rev. bras. ciênc. farm.*, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 615-621, 2014.

- BUSHNELL, C. D. et al. Sex differences in quality of life after ischemic stroke. **Neurology**, New York, v. 82, n. 11, p. 922-931, 18 Mar. 2014.
- CHINTHAMMIT, C.; ARMSTRONG, E. P.; WARHOLAK, T. L. A cost-effectiveness evaluation of hospital discharge counseling by pharmacists. **J. Pharm.Pract.**, United States, v. 25, n. 2, p. 201-208, Apr. 2012.
- COSTA, J. M. **Acesso a terapia medicamentosa na perspectiva de pacientes e profissionais de saúde**. Belo Horizonte: Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.
- KANN, I. C.; LUNDQVIST, C.; LURÅS, H. Prescription of addictive and non-addictive drugs to home-dwelling elderly. **Drugs aging**, Auckland, v. 31, n. 6, p. 453-459, June 2014.
- KIM, S. J. et al. The association between quality of care and quality of life in long-stay nursing home residents with preserved cognition. **J. Am. Med. Dir. Assoc.**, Hagerstown, v. 15, n. 3, p. 220-225, Mar. 2014.
- KUSUMOTA, L.; OLIVEIRA, M. P. DE; MARQUES, S. O idoso em diálise. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 22, n. spe1, p. 546-550, 2009.
- LESCURE, D. et al. Determinants of self-medication with antibiotics in european and anglo-saxon countries: a systematic review of the literature. **Front Public Health**, Bethesda, v. 6, n. 370, 2018.
- MARQUES, L. DE F. G. et al. Orientação para alta hospitalar. **Rev. Pesq. Inov. Farm.**, [s.l.], v. 3, n. 1, p. 36-42, 2011.
- MLINAC, M. E.; FENG, M. C. Assessment of activities of daily living, self-care, and independence. **Arch. clin. neuropsychol.**, New York, v. 31, n. 6, p. 506-516, Sept. 2016.
- MORSE, J. M.; MORSE, R. M.; TYLKO, S. J. Development of a scale to identify the fall-prone patient. **Can. j. aging**, Maple, v. 8, n. 4, p. 366-377, Jan. 1989.
- OLIVEIRA, V. C. R. DE et al. Clinical evolution of adult, elderly and very elderly patients admitted in Intensive Care Units. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, São Paulo, v. 19, n. 6, p. 1344-1351, Dec. 2011.
- PAQUIN, A. M.; SALOW, M.; RUDOLPH, J. L. Pharmacist calls to older adults with cognitive difficulties after discharge in a tertiary veterans administration medical center: a quality improvement program. **J. am. geriatr. soc.**, New York, v. 63, n. 3, p. 571-577, Mar. 2015.
- PARK, J.K. Convergence factors among their physical state, function and activities influencing on the cognition of elderly residents in a community. **Korea Convergence Society**, Korean, v. 6, n. 6, p. 153-162, 31 Dec. 2015.
- PASKULIN, L. M. G.; VALER, D. B.; VIANNA, L. A. C. Utilização e acesso de idosos a serviços de atenção básica em Porto Alegre (RS, Brasil). **Ciênc. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 6, p. 2935-2944, jun. 2011.
- PERLINI, N. M. O. G.; FARO, A. C. M. E. Cuidar de pessoa incapacitada por acidente vascular cerebral no domicílio: o fazer do cuidador familiar. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 154-163, jun. 2005.
- PERRACINI, M. R.; RAMOS, L. R. Fatores associados a quedas em uma coorte de idosos residentes na comunidade. **Rev. Saúde Públ.**, São Paulo, v. 36, n. 6, p. 709-716, dez. 2002.
- PIRES, S. L.; GAGLIARDI, R. J.; GORZONI, M. L. Estudo das freqüências dos principais fatores de risco para acidente vascular cerebral isquêmico em idosos. **Arq. Neuro. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 62, n. 3b, p. 844-851, set. 2004.
- POLICARPO, N. DE S. et al. Knowledge, attitudes and practices for the prevention of diabetic foot. **Rev. gaúch. enferm.**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 36-42, Sept. 2014.
- SANTOS, G. S. CUNHA, I. C. K. O. Avaliação da capacidade funcional de idosos para o desempenho das atividades instrumentais da vida diária: um estudo na atenção básica em saúde. **Rev. Enferm. Cent.-Oeste Min.**, Minas Gerais, v. 3, n. 3, p. 820-828, dez. 2013.
- SPIERS, M. V.; KUTZIK, D. M.; LAMAR, M. Variation in medication understanding among the elderly. **Am j. health system pharm.**, Bethesda, v. 61, n. 4, p. 373-380, 15 Feb. 2004.
- TOFTHAGEN, C. et al. Neuropathic symptoms, physical and emotional well-being, and quality of life at the end of life. **Support. care cancer**, Berlin, 2019.
- TRAVASSOS, C. et al. Utilização dos serviços de saúde no Brasil: gênero, características familiares e condição social. **Rev. panam. salud pública**, Washington, v. 11, n. 5-6, p. 365-373, jun. 2002.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Adherence to long-term therapies: evidence for action**. Geneva: World Health Organization, 2003.

Submetido em: 10/10/2018

Aceito em: 22/01/2019